

ARTE EM CONFRONTO: ICONOGRAFIA NA ARTE DA MESOAMÉRICA.

Fernando Pesce¹

PRIMÓRDIOS DA ICONOGRAFIA NA ARTE DA MESOAMÉRICA

Desde inícios do período colonial as imagens presentes em diversos suportes como esculturas em pedra e cerâmica, códices (livros em formato de biombo produzidos antes e depois da chegada dos espanhóis) e tecidos foram utilizadas para conhecer a religião, sistemas calendários e histórias das diversas culturas que se desenvolveram e compartilharam tradições dentro da macrorregião cultural Mesoamérica.

O início de estudos sistemáticos de iconografia da arte mesoamericana partilha, de maneira geral, da mesma herança filosófica daqueles aplicados na arte europeia. Surgem primeiro como ciência auxiliar nos estudos antiquários, para depois adquirir um caráter classificatório de acordo com certos temas e aspectos iconográficos.

Tendo início nos séculos XVI e XVII, a iconografia serviu – em um primeiro momento - para a avaliação das imagens presentes em objetos da antiguidade clássica, como parte da tradição de estudos antiquários que tomava forma dentro do Renascimento e que perduraria até o final do século XVIII².

O colecionismo de artefatos e documentos pré-hispânicos é notório ao longo dos séculos XVII e XVIII. Cronistas e intelectuais novo-hispânicos como Fernando de Alva Ixtlilxochitl, Carlos de Sigüenza y Góngora,

¹ Mestre em História da Arte (IFCH - UNICAMP). Pesquisador associado do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA-USP).

² Bialostocki, Jan. "Iconography and Iconology". In: B.S. Meyers (Ed.) *Encyclopedia of World Art*. Vol. 7. McGraw-Hill, 1963, p. 769-773. Para uma breve história do antiquarismo e as origens da arqueologia Clássica c.f. Grillo, José Geraldo da Costa; Funari, Pedro Paulo A. *Arqueologia Clássica: o cotidiano de gregos e romanos*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p. 57-58.

Lorenzo Boturini e Francisco Clavijero estão entre os mais destacados colecionadores deste período³. Podemos aqui, no entanto, destacar a obra de Antonio de León y Gama, considerada o primeiro estudo científico moderno sobre a escultura e iconografia mexicana⁴.

León y Gama descreve em sua obra a descoberta dos monólitos de Coatlicue e da Pedra do Sol na Praça Maior da Cidade do México, em 1790. Motivado pelo impacto da publicação das descobertas de Herculano e Pompéia na Nova Espanha e com o propósito de “dar algumas luzes à literatura antiquária, que tanto se fomenta em outros países”⁵, León y Gama revisou manuscritos indígenas e coloniais para sua interpretação dos motivos apresentados nos dois monumentos. Seu trabalho foi pioneiro na combinação de documentos escritos, pictóricos e no estudo direto das esculturas. A metodologia utilizada por León y Gama antecede os modernos estudos iconográficos que valeram-se de caminho semelhante ao atribuir significado para a arte mesoamericana.

Durante o século XIX a enorme influência do Darwinismo para a ciência como um todo é sentida tanto na História da Arte quanto na Arqueologia, áreas que, por vezes, se confundem nos Estudos Mesoamericanos. A partir da segunda metade do XIX temos o estabelecimento de uma Arqueologia Científica, centrada em conceitos de evolução cultural e preocupada com métodos de controle cronológico. Esse aporte teórico e metodológico veio dos avanços nos campos da Geologia e Biologia, influenciada principalmente pela publicação de *A Origem das Espécies* (1859) e pela obra de Charles Lyell, *Principles of Geology* (1830-1833)⁶.

Dentro da esfera de influência do Darwinismo, os historiadores da arte do XIX puderam conceber uma evolução gradual de conjuntos de obras, com o estabelecimento de relações estilísticas em uma sequência histórica linear, de maneira evolutiva⁷. Alois Riegl e Gottfried Semper, para citarmos apenas uns entre tantos, exploraram – cada um à sua maneira – o processo evolutivo dos motivos nas artes decorativas⁸.

³ León-Portilla, Miguel. *Códices: os antigos livros do Novo Mundo*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2012, p. 132-137. Ignacio Bernal divide o período colonial mexicano em três estágios de interesse antiquário: o primeiro, marcado pelo relato de cronistas e religiosos que seguiram o processo da conquista; o segundo delimita o início do interesse antiquário e colecionismo no México e o período que vai de 1750 à 1825 é classificado como a “era da razão” da Arqueologia Mexicana, notabilizado pela influência das ideias iluministas. c.f. Bernal, Ignacio. *A History of Mexican Archaeology*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1980, p. 35-102.

⁴ Pohl, John M.; Lyons, Claire L. *Altera Roma: Art and Empire from Mérida to Mexico*. Los Angeles: The Cotsen Institute of Archaeology Press, 2016, p. 16.

⁵ León y Gama, Antonio de. *Descripcion historica y cronologica de las dos piedras que con ocasion del nuevo empedrado que se esta formando en la plaza principal de Mexico, se hallaron en ella el año de 1790*. México: Imprenta de Don Felipe de Zúñiga y Ontiveros, 1792, p. 4-8.

⁶ Trigger, Bruce G. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004, p. 91.

⁷ Kleinbauer, W. Eugene. *Modern Perspectives in Western art history: an anthology of twentieth-century writings on the visual arts*. Toronto: University of Toronto, 1989, p. 19-20.

⁸ Holly, Michael Ann. *Panofsky and the foundations of Art History*. Ithaca: Cornell University Press, 1984, p. 69-72.

ICONOGRAFIA NA MESOAMÉRICA: UMA QUESTÃO DE MÉTODO

Os estudos de iconografia na Mesoamérica ganham corpo entre o final do século XIX e início do XX. Por certo, muitos desses primeiros estudos não só fazem parte desta tradição maior, ligada às Ciências Naturais, como também foram parte integrante de projetos mais ambiciosos de História Natural.⁹ Destacam-se, neste período, as investigações realizadas sobre os códices mesoamericanos. Os trabalhos pioneiros dos alemães Eduard Seler¹⁰, considerado o Nestor dos Estudos Mesoamericanos¹¹, Ernst Förstemann¹² e Paul Schellhas¹³, dedicados aos códices maias, são exemplos desta tradição iconográfica ainda incipiente nos Estudos Mesoamericanos que, ao valer-se da iconografia, tinha por objetivo principal - em muitos casos - uma taxonomia dos motivos da arte mesoamericana.

Toda essa fase inicial dos estudos iconográficos de arte mesoamericana é marcada por uma iconografia enquanto leitura das imagens. Mesmo após a sistematização do método iconográfico por Erwin Panofsky¹⁴ no final dos anos de 1930, seu uso por acadêmicos dedicados à cultura material da Mesoamérica mantinha-se em caráter intuitivo¹⁵.

A iconografia praticada pelos estudiosos da arte mesoamericana valia-se de percurso diferente daquele estipulado por Panofsky. A dificuldade imposta pelos sistemas de escrita mesoamericanos, aliado ao reduzido número de registros textuais contemporâneos às obras, impôs o caminho reverso daquele praticado na arte europeia. Desde seus primórdios a análise iconográfica na Mesoamérica, em especial do

⁹ Byron Hamann chama a atenção para a tradição da História Natural que permeia os estudos mesoamericanos de iconografia. Pode-se destacar, neste âmbito, o trabalho do jesuíta Francisco Clavijero (1780); do naturalista alemão Alexander von Humboldt (1810) e do precursor da arqueologia mesoamericana Alfred Maudslay (1902). c.f. Hamann, Byron E. "Bruno Latour no jardim da ilustração arqueológica". *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 12, n. 2, p. 331-357, 2017; Clavijero, Francisco Javier. *Historia Antigua de Mexico*. Mexico: Departamento Editorial de la Direccion General de las Bellas Artes, 1917; Humboldt, Alexander von. *Vues des cordillères, et monumens des peuples indigènes de l'Amerique*. Paris: Chez F. Schoell, 1810; Maudslay, Alfred P. *Biologia Centrali-americana: Contributions to the knowledge of the fauna and flora of Mexico and central America: Archaeology*. Vol. I. Londres: R. H. Porter, 1902.

¹⁰ Seler, Eduard; Comparato, Frank E. (Ed.). *Collected Works in Mesoamerican Linguistics and Archaeology*. Vol I. Culver City: Labyrinthos, 1990

¹¹ Thompson, J. Eric S. *Maya Hieroglyphic Writing: An Introduction*. Washington: Carnegie Institution of Washington, 1950, p. 31.

¹² Förstemann, Ernst. "Commentary on the Maya Manuscript in the Royal Public Library of Dresden". *Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology*, Cambridge, v.4, n. 2, p. 54-266, 1906.

¹³ Schellhas, Paul. "Representation of Deities of the Maya Manuscripts". *Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology*, Cambridge, v.4, n. 1, p. 5-48, 1904.

¹⁴ Panofsky, Erwin. *Estudos de Iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

¹⁵ Oswaldo Chinchilla ressalta que para além da predominância de uma abordagem intuitiva há, na literatura acadêmica, uma falta de definição explícita da metodologia utilizada pelos autores para traçar paralelos entre as imagens pré-colombianas e coloniais com textos modernos. Chinchilla Mazariegos, Oswaldo. *Art and Myth of the Ancient Maya*. New Haven/Londres: Yale University Press, 2017, p. 3.

período Pré-Colombiano, toma como ponto de referência para a identificação temática a produção textual de épocas posteriores, em particular do período Colonial.

A adoção de uma metodologia reversa para a iconografia só foi possível graças a percepção dos estudiosos de uma continuidade cultural - ao longo do tempo e espaço - entre os diversos povos que habitavam e ainda habitam a Mesoamérica, ou como coloca o arqueólogo Gordon Willey:

This fundamental methodological assumption rests upon three subsidiary assumptions. The first is that ancient Mesoamerica can be viewed as a unified cultural tradition [...]. The second assumption, following the first, is that within Mesoamerican cultural system there was a unified ideological system. I use the term “ideological” here to subsume all religion and abstract intellectual thought. And the third subsidiary assumption, which takes us right to the heart of the matter, is that there was an integrity of belief and communication within this Mesoamerican ideological system that permits us, in archaeological retrospect, to ascribe similar meanings to similar signs or symbols.¹⁶

Divergências e questionamentos logo seguiram essa maneira intuitiva de se aplicar o método iconográfico, assim como a própria concepção de Mesoamérica posta em uso pelos estudiosos. George Kubler¹⁷ foi talvez o crítico mais feroz desse tipo de abordagem iconográfica. Aluno de Panofsky no Institute of Fine Arts de Nova Iorque, Kubler questionava o *continuum* inquebrável da tradição mesoamericana, conceito central para atribuição de significado simbólico em contextos culturais separados por um amplo espectro espacial e temporal.

Ademais, Kubler ressaltava a possível disjunção entre forma e significado no simbolismo da Mesoamérica, fenômeno observado por Panofsky na arte Medieval¹⁸:

¹⁶ Willey, Gordon R. *Mesoamerican Art and Iconography and the Integrity of the Mesoamerican Ideological System*. In: I. Bernal (Ed.). *The Iconography of Middle American Sculpture*. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art, 1973, p. 153-154.

¹⁷ George Kubler expressou seu descontentamento com o uso de fontes escritas do período colonial para a atribuição de significado da arte pré-colombiana em diversas obras, entre as quais: Kubler, George. “Studies in Classic Maya Iconography”. *Memoirs of the Connecticut Academy of Arts and Sciences*, New Haven, v. 18, 1969. Idem. “Period, Style and Meaning in Ancient American Art”. *New Literary History*, The John Hopkins University Press, v. 1, n. 2, 1970.

¹⁸ Panofsky, Erwin. Renaissance and Resuscitations. *The Kenyon Review*, v. 6, n. 2, 1944. Mudanças na forma e significado de motivos iconográficos já haviam sido percebidas por Aby Warburg em seu estudo do Palácio Schifanoia de Ferrara. Warburg, Aby. *Arte italiana e astrologia internacional no Palazzo Schifanoia em Ferrara*. In: A. Warburg; L. Waizbord (Org.). *Histórias de fantasma para gente grande: escritos, esboços e conferências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 99-128.

With the successive cultures spanning a duration on the order of magnitude of about one thousand years in the same region, [...] we may expect to observe disjunctions of form and meaning more often than marked continuity in their association. As Orpheus and the Good Shepherd displayed different meanings in similar representations, so may we expect representations of the feathered serpent and Quetzalcoatl to display meanings at least as different across more than one thousand years in Mexico.¹⁹

Kubler advogava por outra maneira de se observar a iconografia da Mesoamérica. Em seu ensaio sobre a arte de Teotihuacan²⁰ o autor não dissocia a ideia de escrita e pintura na composição pictórica da arte teotihuacana. Kubler considerava a arte do sítio, em especial a pintura, como um sistema de escrita logográfico. Partindo de uma abordagem linguística, ele prossegue na identificação formal dos motivos, suas respectivas funções gramaticais e, ao final, a organização de grupos iconográficos temáticos (e.g. Deus da Tormenta, borboleta, coruja).

A despeito da oposição de Kubler, tal como sua formulação de uma metodologia distinta, a percepção pela maioria dos estudiosos de uma realidade histórica, da qual faziam parte sociedades heterogêneas em uma sequência milenar, tornou possível a formação e transformação de uma cosmovisão compartilhada na Mesoamérica²¹. Alfredo López Austin ressalta a importância do conceito e seu uso nas análises iconográficas:

Es indiscutible que la precisión de las interpretaciones iconográficas depende en buena parte de las dimensiones del acervo mitológico del que dispongamos, no sólo por las correspondencias mecánicas que pudieran establecerse entre mitos e imágenes, sino - sobre todo - por la posibilidad de reconstrucción de un orden mitológico que se confrontaría, en recíproco proceso de elucidación, con uno iconográfico. Los mitos registrados en épocas tempranas coloniales forman un conjunto considerable. Sin embargo, son insuficientes para una confrontación satisfactoria. Existe la atractiva posibilidad de complementarlos con la narrativa indígena producida desde la conquista hasta nuestros días. Hoy existen creencias, mitos y ritos derivados de los

¹⁹ Kubler, George. *The iconography of the art of Teotihuacan*. Studies in Pre-Columbian Art and Archaeology. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, n. 4, 1967, p. 12.

²⁰ Ibidem, p. 5-11.

²¹ López Austin, Alfredo. *Los Mitos del Tlacuache*. 4ª ed. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. Para um resumo das discussões sobre o conceito de Mesoamérica ver: López Austin, Alfredo; López Luján, Leonardo. *El pasado indígena*. 2ª ed. México: FCE, 2001.

antiguos, y no pueden pasar inadvertidos en el estudio del pensamiento mesoamericano. Sin duda han sido transformados por una historia en la que han pesado condiciones de opresión, penetración ideológica, explotación y expolio; pero pertenecen a una tradición vigorosa convertida en instrumento de resistencia. Creencias, mitos y ritos ni pueden entenderse sin la referencia a su origen remoto, ni es prudente estudiar la ideología de las sociedades anteriores a la conquista sin tomar en cuenta su legado²².

Em termos práticos para a análise iconográfica, isso implica na inclusão de um universo textual e oral mais abrangente, de grande utilidade para a identificação temática na arte mesoamericana, em especial àqueles de natureza religiosa ou mitológica. Outrossim, a ocorrência de disjunção entre forma e significado abre novas possibilidades de análise, como a percepção de processos complexos de adição, substituição, ruptura, mudanças e fluxos que ocorreram na iconografia da Mesoamérica Pré-Colombiana e em mitos registrados no período Colonial e etnografias modernas²³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao passo que um corpo bibliográfico crescente tem atestado a utilidade da iconografia para a arte da Mesoamérica, com a identificação de cenas mitológicas e históricas na iconografia, essa metodologia apresenta seus problemas quando não se leva em conta a multiplicidade de variáveis envolvidas na interpretação das imagens.

O arqueólogo Oswaldo Chinchilla²⁴ estabelece alguns preceitos que devem ser levados em consideração ao se trabalhar com esse método, em primeiro lugar a correta identificação pré-iconográfica, com vasto uso de exemplos adicionais para definir as características distintivas e variações de objetos e seres.

Segundo, para estabelecer significados temáticos devemos primeiro reconhecer a mutabilidade dos mitos mesoamericanos, problematizar as fontes coloniais e modernas para identificar as particularidades culturais referentes ao contexto na qual foram elaboradas. E por último, mas não menos importante, a sistematização de abordagens para reconstruir narrativas mitológicas na arte pré-colombiana, com a inclusão

²² López Austin, Alfredo. op. cit., p. 14.

²³ Houston, Stephen D.; Taube, Karl. *Meaning in Early Maya Imagery*. In: P. Taylor (ed.). *Iconography without Texts*. Londres: Warburg Institute, 2008, p. 127-144. c.f. Chinchilla Mazariegos, Oswaldo. *Art and Myth of the Ancient Maya*. New Haven/Londres: Yale University Press, 2017.

²⁴ Chinchilla Mazariegos, Oswaldo. *Art and Myth of the Ancient Maya*. New Haven/Londres: Yale University Press.

de múltiplos objetos – assim como das mais diversas fontes textuais – com o objetivo de reforçar a interpretação iconográfica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Comissão Organizadora do EHA pela dedicação na continuidade deste evento. Ao Prof. Dr. Pedro Paulo Funari e aos colegas de CEMA Eduardo Gorobets Martins e Ana Cristina Lima pelo apoio, comentários e discussões. A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNAL, Ignacio. *A History of Mexican Archaeology*. Nova Iorque: Thames and Hudson, 1980.
- BIALOSTOCKI, Jan. "Iconography and Iconology". In: B.S. Meyers (Ed.) *Encyclopedia of World Art*. Vol. 7. McGraw-Hill, 1963.
- CHINCHILLA MAZARIEGOS, Oswaldo. *Art and Myth of the Ancient Maya*. New Haven/Londres: Yale University Press, 2017.
- CLAVIJERO, Francisco Javier. *Historia Antigua de Mexico*. Mexico: Departamento Editorial de la Direccion General de las Bellas Artes, 1917.
- FÖRSTEMANN, Ernst. "Commentary on the Maya Manuscript in the Royal Public Library of Dresden". *Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology*, Cambridge, v.4, n. 2, p. 54-266, 1906.
- GRILLO, José Geraldo da Costa; FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia Clássica: o quotidiano de gregos e romanos*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.
- HAMANN, Byron E. "Bruno Latour no jardim da ilustração arqueológica". *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 12, n. 2, p. 331-357, 2017.
- HOLLY, Michael Ann. *Panofsky and the foundations of Art History*. Ithaca: Cornell University Press, 1984.
- HOUSTON, Stephen D.; TAUBE, Karl. *Meaning in Early Maya Imagery*. In: P. Taylor (ed.). *Iconography without Texts*. Londres: Warburg Institute, 2008, p. 127-144.
- HUMBOLDT, Alexander von. *Vues des cordillères, et monumens des peuples indigènes de l'Amérique*. Paris: Chez F. Schoell, 1810.
- KLEINBAUER, W. Eugene. *Modern Perspectives in Western art history: an anthology of twentieth-century writings on the visual arts*. Toronto: University of Toronto, 1989.

- KUBLER, George. *The iconography of the art of Teotihuacan*. Studies in Pre-Columbian Art and Archaeology. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, n. 4, 1967.
- KUBLER, George. "Studies in Classic Maya Iconography". *Memoirs of the Connecticut Academy of Arts and Sciences*, New Haven, v. 18, 1969.
- KUBLER, George. "Period, Style and Meaning in Ancient American Art". *New Literary History*, The John Hopkins University Press, v. 1, n. 2, 1970.
- LEÓN Y GAMA, Antonio de. *Descripcion historica y cronologica de las dos piedras que con ocasion del nuevo empedrado que se esta formando en la plaza principal de Mexico, se hallaron en ella el año de 1790*. México: Imprenta de Don Felipe de Zúñiga y Ontiveros, 1792.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Códices: os antigos livros do Novo Mundo*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.
- LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. *Los Mitos del Tlacuache*. 4ª ed. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2006.
- LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. 2ª ed. México: FCE, 2001.
- MAUDSLAY, Alfred P. *Biologia Centrali-americana: Contributions to the knowledge of the fauna and flora of Mexico and central America: Archaeology*. Vol. I. Londres: R. H. Porter, 1902.
- PANOFSKY, Erwin. "Renaissance and Renascences". *The Kenyon Review*, v. 6, n. 2, 1944.
- PANOFSKY, Erwin. *Estudos de Iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- POHL, John M.; LYONS, Claire L. *Altera Roma: Art and Empire from Mérida to Mexico*. Los Angeles: The Cotsen Institute of Archaeology Press, 2016.
- SHELLHAS, Paul. "Representation of Deities of the Maya Manuscripts". *Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology*, Cambridge, v.4, n. 1, p. 5-48, 1904.
- SELER, Eduard; COMPARATO, Frank E. (Ed.). *Collected Works in Mesoamerican Linguistics and Archaeology*. Vol. I. Culver City: Labyrinthos, 1990.
- THOMPSON, J. Eric S. *Maya Hieroglyphic Writing: An Introduction*. Washington: Carnegie Institution of Washington, 1950.
- TRIGGER, Bruce G. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- WARBURG, Aby. *Arte italiana e astrologia internacional no Palazzo Schifanoia em Ferrara*. In: A. Warburg; L. Waizbort (Org.). *Histórias de fantasma para gente grande: escritos, esboços e conferências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 99-128.
- WILLEY, Gordon R. *Mesoamerican Art and Iconography and the Integrity of the Mesoamerican Ideological System*. In: I. Bernal (Ed.). *The Iconography of Middle American Sculpture*. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art, 1973, p. 153-154.